

Reino de luz dos pássaros

Felicitas Muche

A morada de luz dos pássaros é o céu imenso, para além do arco-íris, onde vivem todos os que têm asas, desde o menor beija-flor até o gigantesco condor. O condor tinha muito prestígio, mas, isso por ter uma filha muito linda. Ele desejava casa-lá com um príncipe dos pássaros, mas, ela amava a liberdade. Sempre que se aproximavam as noites dos santos de junho, principalmente a noite de São João, ela deixava o palácio paterno e voava em direção à terra. Conhecia uma lagoa entre as árvores de uma floresta, que ficava prateada ao luar.

A princesa dos pássaros voava sempre acompanhada por outros pássaros que deviam lhe servir de proteção. Quando alcançavam a lagoa, banhavam-se em suas águas prateadas pelo tempo em que a lua estivesse no céu. Certo dia, ao crepúsculo, a princesa vestiu-se com o mais belo traje de penas que o rei mandara confeccionar para ela. Era vermelho e tinha asas cor de prata.

Naquele mesmo entardecer, um jovem caçador a caminho de casa, que se atrasara na floresta, chegou à lagoa no instante em que um grupo de aves voava suavemente, em círculos, por sobre as águas que começavam a refletir o brilho prateado da lua. Admirado diante daqueles pássaros nunca dantes vistos, escondeu-se entre os caniços para observar.

Eram doze aves volteando, esvoaçando, girando, a mais bela entre elas, tinha penas vermelhas. Elas pousaram na beira do lago e retiraram suas vestes de penas. Eram agora lindas jovens que foram se banhar no lago.

O caçador não conseguia desviar seus olhos da mais bela entre as belas.

“esta quero para minha esposa! Esta e nenhuma outra!” pensou ele. Com todo cuidado alcançou a roupagem vermelha e puxou para si.

Alguma coisa fez com que as jovens se assustassem. Saíram da água e colocaram as vestimentas de penas, mas a mais bela não encontrou a sua roupagem. Procurou por todos os lados, chorou tudo em vão. As suas acompanhantes, aturdidas, logo levantaram vôo deixando-a sozinha. Vendo-a chorar tão amargamente, o jovem caçador aproximou-se e mostrando-lhe a roupa de penas vermelhas disse-lhe: “não chore tanto Assim!” “Dê-me a minha vestimenta”, exclamou a princesa aproximando-se dele.

“dê-me! Eu sou a filha do rei dos pássaros e sem as minhas penas não poderei voltar ao meu reino!”.

O caçador permaneceu irredutível. As lamentações todas da princesa não o fizeram mudar de atitude. “meu pai o recompensará regamente, se você me deixar voar”, sugeriu ela. Mas, o jovem caçador recusou. Ela teve de acompanhá-lo a casa e tornou-se sua esposa.

Três anos aviam se passado. A princesa dos pássaros se acostumara à Terra e queria muito bem seu companheiro. Ensinou-lhe a distinguir os muitos pássaros entre si, suas cores e ele ensinou-lhe tudo sobre os animais que habitam a floresta.

Por um bom tempo ela parecia feliz, contudo, aos poucos, começou a sentir tristeza, saudade. “Que tem você”, perguntou seu esposo. “Ah! Estou pensando em meu pai”. “Deseja visitá-lo”. “Sim, acompanhada por você”, respondeu ela. E ele concordou.

Passaram então a juntar penas e folhas de árvores. Trabalharam muito. Depois, fizeram duas asas lindas para o homem e ela lhe ensinou a voar o que não era nada fácil. Ele se exercitava pacientemente até conseguir se elevar do chão. E certa manhã aconteceu: ele sabia voar. Foi então buscar no esconderijo a roupagem vermelha da esposa e entregou a ela. Mal ela vestiu, pegou na mão do marido e juntos levantaram vôo, voando para dentro do céu.

Chegando ao céu dos pássaros, avistaram o palácio do pai dela, o rei dos pássaros, o condor imperial. Em volta do palácio, havia florestas e lagos muito mais bonito do que os da Terra. Logo chegaram a aterrissar no pátio do palácio. O condor de guarda foi avisar o rei. O casal entrou no palácio. O rei estava muito irritado por sua filha ter desposado um ser humano. Ficou pensando em como poderia matar o rapaz para que a filha permanecesse no reino.

“Quero verificar se você casou com um homem realmente trabalhador”, grasnou ele no dia seguinte. “Que ele construa um barco para mim. Deverá estar pronto antes do crepúsculo”.

Muito triste, o homem foi para a floresta derrubou uma árvore e começou a escavá-la. Trabalhou o dia todo sem descansar. Mas, quando o sol começou a baixar, a baixar, caiu em desespero. Repentinamente aproximam-se voando muitos e muitos pardais. Na hora do almoço ele havia repartido com eles o seu pedaço de pão. Agora vinham socorrê-lo. Com seus biquinhos afiados conseguiram ocar a árvore e quando o sol se pôs, o barco estava pronto, com acabamento primoroso.

O rei se aborreceu muito ao ver o barco tão perfeito. Escolheu uma tarefa mais difícil ainda para ser executada no próximo dia. Na manhã do seguinte, conduziu o rapaz para a beira de um lago e disse: “este lago você deverá secar até a hora do sol se pôr! Se não lograr fazê-lo, morrerá!”.

Com um balde o homem tirava a água do lago sem ver resultado algum. Preocupado, pensava no seu fim. Foi quando, de repente, fazendo um zunido muito forte, dele se aproximou o povo das libélulas. Antes do sol baixar, o lago estava seco. O rei dos abutres, de tanta raiva, não sabia o que dizer. “Você terá de cumprir mais uma tarefa, então o aceitarei como genro”, disse ele.

No dia seguinte o rei dos condores conduziu o homem para o centro de uma grande floresta. “Aqui você deverá vencer o inimigo vermelho. Então será bem vindo para mim.

O homem procurou pelo inimigo vermelho. Quem seria ele. Ouviu, vindo de todos os lados, um crepitar, um ulular e o estalido de árvores tombando, de galhos quebrando. Fogo! Fogo à volta toda. O rei dos abutres havia incendiado a floresta.

Como se assustou o pobre homem! Como poderia lutar contra o fogo que tudo estava devorando. No desespero, viu a seus pés uma aranha correndo pelo chão, fugindo. Seguiu-a. por uma fresta entre os rochedos ela entrou numa caverna, dentro da caverna havia muitas aranhas que rapidamente teceram um grande véu na boca da caverna para impedir a entrada da fumaça.

Quando o fogo se extinguiu, o calor havia diminuído, o homem saiu da caverna. Viu sua esposa, a princesa dos pássaros, volteando sobre a floresta queimada, levando consigo as asas do homem. Ele lhe acenou e ela baixou até o solo, amarrou-lhe as asas aos braços e o mais rápido que puderam, alçaram vôo e fugiram do reino dos pássaros.

Chegaram à Terra felizes e felizes viveram. O caçador nunca mais atirou em pássaros, nem caçou libélulas ou pisou em aranhas ou outros pequenos insetos. Cuidou da floresta com desvelo e a floresta se mostrou agradecida.